

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

ROSA DE LIMA MOREIRA

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

ROSA DE LIMA MOREIRA

Nasceu em 30 de agosto de 1905, em Mestre Caetano, Minas Gerais. Apesar de sua longa vivência na Escola - de 1934 a 1970, como aluna e docente diz não se lembrar de vários fatos marcantes

Fez curso de farmácia por influência do pai e, ainda sob forte influência do pai, ingressou na segunda turma, da então recém criada Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC). Formou-se em 1936 com a primeira turma, onde ingressou como instrutora logo que se formou.

No seu período na escola como aluna, as aulas teóricas eram ministradas na faculdade de medicina e no Hospital São Vicente, e os estágios feitos na Santa Casa, no Hospital de Pronto Socorro e São Vicente. Não morou no internato porque residia com os pais em Belo Horizonte. Entretanto como professora chegou a ficar por um período com as alunas no internato da rua da Bahia.

Marcando sua trajetória como docente participou da direção da Escola, como vice-diretora de Waleska Paixão, de 1939 a 1948, assumindo a diretoria até a chegada de Irmã Helena Maria Villac em 1949. Refere-se a esse período como difícil, principalmente, após o retorno de Waleska do exterior e sua posterior saída de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro após desentendimento com o diretor da Secretaria de Saúde Pública. Dessa forma D. Rosa foi a quarta e última diretora leiga da EECC, antecedendo a direção por religiosas durante quatro gestões, de fevereiro de 1949 a março de 67.

Aposentou-se em 1970 e faz questão de não se lembrar da escola, onde não voltou nem mesmo quando da inauguração da galeria de fotos ex diretoras, por ocasião das comemorações dos 50 anos da instituição.

SUMÁRIO

LADO A

Referência a sua origem; influência de seu pai na escolha dos cursos de farmácia e de enfermagem; a entrada na segunda turma de enfermagem e da formatura junto com a primeira turma; a religiosidade de Laís Neto dos Reis; o papel da enfermeira na sociedade; o nível social das alunas; a seleção para enfermagem; o ensino teórico; as professoras que vieram do Rio de Janeiro; os locais onde eram dadas as aulas; o cotidiano da escola; o período preliminar; o relacionamento das alunas com as professoras; as desistências; os serviços prestados à comunidade pelas alunas; a imposição das insígnias; o uniforme; os estágios, o relacionamento da escola com as instituições campos de estágio; a participação da escola em eventos; o número de alunas das primeiras turmas; Waleska Paixão como aluna; a solenidade de formatura; o início de sua carreira como enfermeira; o trabalho na escola; Frei Boaventura; a saída de Laís e entrada de Waleska como diretora; sua imposição como vice; a saída da Waleska para fazer pós-graduação no EUA, sua posse como diretora, a volta de Waleska e desentendimento da mesma com o diretor da Saúde Pública e da saída dela e de outras funcionárias e alunas para outras cidades; seu relacionamento com o mesmo diretor de Saúde Pública; porque também não deixou a escola junto com as outras; o Hospital São Vicente como campo de pediatria; a ida à São Paulo para procurar indicação para diretora para substituí-la; a entrada das freiras na escola.

LADO B

Participantes do trabalho com Ir. Helena Maria Villac para anexação da escola à faculdade de medicina; a entrada de outra religiosa em substituição à Ir. Villac em 1953; o trabalho com as alunas em diversos hospitais e em especial no Hospital Municipal; sua pouca participação em sua família devido ao trabalho na escola; a morte de sua mãe; sua aposentadoria em 1970; os internatos; o atual prédio; Ir. Catarina Fiúza e as circunstâncias de seu afastamento como vice diretora na gestão desta; referência a algumas alunas da escola; as enfermeira não formadas; a posição social da enfermagem na época e atualmente; o período enquanto aluna e como colega de Laís.

LADO A

Geralda: D. Rosa, a senhora nasceu em Mestre Caetano em 30 de agosto de 1905.

Correto?

D. Rosa: Isto.

G.: Nós tivemos uma informação que antes da senhora fazer enfermagem, que a senhora foi da 1ª turma da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, antes da senhora fazer enfermagem a senhora havia feito farmácia.

R.: Isto.

G.: A senhora quer falar para gente, qual a razão [ruídos] para fazer enfermagem?

R.: Farmácia foi meu pai que me levou. Eu não tomava conhecimento de nada, mas ele entendeu que tinha que melhorar a situação dos filhos, então, eu fiz. Ele me levou para fazer o curso de Farmácia.

G.: O pai da senhora?

R.: É.

G.: Ele já tinha alguma, ele tinha alguma relação com Farmácia?

R.: Não, nenhuma, nenhuma.

G.: É, a senhora, o estado civil da senhora?

R.: Solteira.

G.: Solteira. É, em termos assim de crença religiosa, a senhora...

R.: ... católica apostólica romana.

G.: Católica apostólica romana. Antes da senhora ingressar em enfermagem é... qual a razão que levou a senhora fazer enfermagem?

R.: Também meu pai. Ele tinha farmácia no [bairro do] Horto e ele então viu no jornal. Eu nem... não tinha conhecimento nenhum. Ele viu no jornal qualquer coisa a respeito de enfermagem, então falou: "Oh! você podia bem fazer esse curso de enfermagem." Ele disse assim: "O meu desejo era que você fizesse medicina, mas no momento não é possível, faz enfermagem." E ele mesmo procurou tomar informações e me encaminhou.

G.: Quer dizer que é o pai da senhora quem mais influenciou.

R.: É.

G.: E ele viu através do jornal.

R.: Jornal.

G.: ... na época, no 1º curso...

R.: Eu entrei, foi na 2ª turma.

G.: A senhora entrou na 2ª turma?

R.: É, porque a 1ª turma foi fim do 2º semestre de 33. Eu entrei na turma de 34.

G.: Na turma de 34?

R.: É.

D. Daura: 1º semestre de 34?

R.: É.

D.: 1º semestre de 34.

Valda: E a senhora formou quando?

R.: Deve ter sido... 3 anos e ...

V.: 36?

R.: É, 36, foi naquela época daquele Congresso de...

V.: ... Eucarístico?

R.: É, Eucarístico. A festa foi até... D. Laís, muito religiosa, ela então fez questão que fosse nessa mesma época. [vozes de fundo]

G.: Era importante na época deste Congresso, ter essa formatura? Como é que é isso?

A D. Laís fez questão que a formatura fosse...

R.: Fez questão, fosse. Por ser muito religiosa. Ela fazia então questão que a festa coincidissem, né.

D.: D. Laís era uma pessoa especial. Especialíssima.

R.: É.

G.: A senhora falou, D. Rosa, que o pai da senhora que influenciou. Outras pessoas na família influenciaram a senhora a fazer enfermagem?

R.: Não, não, ninguém. Foi só papai.

G.: Como que a enfermeira era vista naquela época? A sociedade, como que a sociedade encarava...

R.: ... A sociedade encarava... bom, era sempre mal vista. [riso]

G.: Era sempre mal vista.

R.: Mal vista. Tanto que as turmas primeiras é, não eram assim, assim, de moças de classe alta, nem não, nada, nada. Eram moças, professora primária... ou então quem não... quem pudesse prestar exame. Porque na ocasião não exigia assim, um curso de ginásio completo não, né. A pessoa podia fazer exames.

G.: Falar em exame, como que era a seleção pra enfermagem?

R. A seleção é com... É, não me ocorre se era português, fran..., português, matemática, história. Mas não me ocorre porque eu não fiz.

G.: A senhora lembra se nesse início do curso, a senhora sendo praticamente da 1ª turma da formatura e da 2ª do curso [barulho de automóvel, pausa], que a senhora sendo, né, da 1ª turma de formada e da 2ª de entrada no curso, se houve algum fato interessante, marcante nessa época em termos desta entrada da senhora na escola, já que a Escola estava iniciando, era a 1ª escola, em Minas Gerais, fora do Distrito Federal. 1ª escola, tentando equiparar com Ana Neri. Senhora lembra de algum fato importante?

R.: Não, não me ocorre nada, nada.

V.: Como é que era D. Laís?

R.: Era uma pessoa, um grande valor, uma grande capacidade. Pessoa muito, assim, caridosa e... muito bem formada, né, e que tinha facilidade de entrar em contato com pessoas mais tímidas, pessoas mais, assim, esclarecida. De forma que era uma pessoa de valor enorme. É a pessoa que, essa, a gente não pode esquecer dela nunca, porque ela fez um bem a todas, todas que foram alunas dela, só tiveram a lucrar.

G.: Inclusive, ela fez tudo para colocar o Internato, que a escola foi criada sem internato, a senhora, a senhora pode falar para gente assim, o que a senhora lembra do internato na época?

R.: ... do internato não lembro nada, porque eu não era interna.

R.: Eu morava aqui em Belo Horizonte, nunca tomei parte do internato.

G.: A senhora lembra das colegas da senhora que ficavam no Internato? De algumas colegas que chegaram a ficar no Internato?

R.: Internato...

G.: Se tinha algum caso, alguma...

R.: ... não, não sei não, caso nenhum não.

- G.: ... em termos de, como eram as normas do internato. Como diz a senhora, tinha umas que ficavam no internato, outras não.
- R.: As moças, as que moravam fora de Belo Horizonte tinham de ir para o Internato, né. As que moravam aqui, tinham suas casas.
- G.: Sobre o ensino naquela época, sobre o ensino teórico, né, sobre o ensino da parte teórica. O que a senhora lembra assim, como que eram as técnicas de ensino, os recursos que os professores utilizavam para dar aula. Como que era esse ensino teórico? A parte teórica?
- R.: Olha, a parte teórica era sempre, por exemplo, a parte de História da Enfermagem era dada pela diretora. A Técnica de Enfermagem por professoras que vieram do Rio, convidadas pela diretora, né. Na ocasião, no início eram duas, depois ela trouxe mais uma ou duas.
- D.: D. Carmem, é isso?
- R.: Não, é depois. Essa aí foi depois. É Saúde Pública, né?
- D.: Ah, é, D. Carmem é Saúde Pública.
- G.: Em que lugar eram dadas as aulas teóricas, a senhora se lembra do espaço físico?
- R.: Umas na Faculdade de Medicina e outras no, nas salas do Hospital São Vicente.
- G.: Como que era, D. Rosa, o dia-a-dia da Escola? Se a senhora lembra assim de, da hora que a senhora chegava, como que era aquele cotidiano, o dia-a-dia, o 1º dia do funcionamento da Escola.
- R.: Oh, primeiro a gente tinha um período, eu não sei se eram seis meses de preliminar, em que eram dadas as aulas iniciais: era anatomia, fisiologia, técnica e, aí de acordo com, não me recordo o nome das matérias todas, mas eram dadas sempre na parte da manhã. Como preliminar, a gente tinha aula na parte da manhã e na parte da tarde. E tinha almoço no hospital para não atrasar as aulas, né. Como preliminar. Depois a gente recebia uma insígnia que era para passar para enfermagem.
- G.: A imposição de insígnia.
- V.: Só, só um pouquinho. Mesmo tendo feito o curso de farmácia, a senhora teve que fazer essas disciplinas introdutórias todas?
- R.: Todas, todas, todas. Todas as aulas eram dadas.

G.: Depois eu vou voltar nas insígnias, só mais um pouquinho. É, é, então, a senhora estava falando, tinha esse período preliminar que vocês almoçavam na Escola para não perder tempo, para dar tempo de fazer outras atividades à tarde.

R.: É, é, é, eram mais de oito horas. Porque a gente, se não me engano entrava às 7 horas. 7 horas devia estar na escola e ficava às vezes até às 5 horas na escola.

G.: Como que era o relacionamento das alunas com os funcionários, com os professores? Como era esse relacionamento?

R.: Tinha nada de alteração, nada de, de, de, diferente, não.

D.: Bom, na época era bom, né, D. Rosa?

R.: É, é só respeito! D. Fulana, D. Beltrana. [risos]

D.: Viu? As “donas”.

G.: Com muito respeito.

R.: Muito respeito.

G.: Havia assim, houve algum caso de transferência de aluno, de alunas, de cursos para outro curso. Aluna que desistia, que queria fazer outro curso?

R.: Não me ocorre isso não.

G.: Porque, então, não para fazer outro curso, mas em termos de desistência parece que havia um número até grande de desistência. [confusão de vozes]

R.: Não, na primeira turma...

G.: ... quais as razões da desistência? Quais que eram as razões que levavam as alunas a desistirem do curso?

R.: Umas por incapacidade, outras por não acharem, depois de trabalhar e tudo, não achavam graça, né? Então desistiam. E outras por às vezes um mal procedimento, alguma coisa assim.

G.: Por falar em mal procedimento, houve algum caso de alguma aluna que tenha sido punida devido algum procedimento que não era adequado?

R.: Não me recordo isso não.

G.: Na época que a senhora... a vida na escola, a senhora lembra de algum candidato do sexo masculino querendo fazer enfermagem?

R.: Na ocasião que eu entrei, não.

- G.: É, a gente não tem na história nenhum caso de seleção em termos de aluno masculino, só mais...
- R.: ... Não, só mais tarde.
- G.: Existia uma razão, existia alguma norma? [várias pessoas falando]
- R.: Não, não tinha nada não.
- D.: Parece que não era permitido.
- R.: Não, isto eu não me lembro não.
- D.: Porque nunca surgiu?
- R.: Porque os homens não queriam. [risos]
- D.: Será?
- R.: É.
- D.: Uai, uai, eu pensei que não fosse permitido.
- R.: Não, não.
- D.: Engraçado!
- R.: É, deve ser preconceito deles.
- D.: Só depois, depois que eu formei, muitos anos depois.
- R.: É.
- D.: É bem recente. Engraçado!
- G.: D. Rosa, as alunas do Internato, a gente viu na história, às vezes elas prestavam serviços à comunidade, através da farmácia, às vezes fazia aplicação de injeção. Tipo assim, algum plantão particular. Isto a gente sabe da história de alunos do internato. Agora a senhora, no caso, que era aluna externa, as alunas externas participavam dessas atividades com a comunidade, através de prestação de serviços?
- R.: Prestávamos. Bastava a diretora pedir e a gente fazia esse serviço particular.
- D.: Sendo que as internas eram as mais solicitadas.
- R.: Não sei disso não, é?
- D.: É.
- R.: É!?
- D.: Bom... [risos e confusão de vozes] Na minha época...
- R.: ... coisa que eu não sei.
- V.: A senhora também fez?

R.: Fiz.

V.: Hum, hum. Pagava D. Rosa?

R.: Pagava à escola.

V.: À aluna não?

R.: Não, à aluna não.

D.: A injeção na veia.

R.: ... não, eu nunca recebi um níquel sequer.

D.: Então, no tempo dela ainda era mais rígido.

R.: É, era como se fosse um estágio, né.

D.: ... era mais rígido.

G.: Era como se fosse um estágio essa prestação de serviço à comunidade?

R.: É.

G.: Nós falamos do ensino teórico, a senhora começou falar que tem um período preliminar e que depois ocorria a solenidade das entregas das insígnias.

R.: Imposição de insígnias.

D.: Imposição de insígnias.

G.: Qual era o significado dessas insígnias? O que significava isto?

R.: Olha, era uma coisa interessante, é que eu não me lembro se nesses seis meses de preliminar se o uniforme era completo. Eu creio que não. Quando a gente passava para a enfermaria, o nosso começo foi de véu, né? Então, tinha-se um véu e uma braceira, uma cruzinha, é isto. Ela era azul clara...

D.: Você lembra mais do que eu.

R.: Você não pode mesmo pois você veio transferida!

D.: Não, não, não foi lá da...

[INTERRUPÇÃO DA FITA, D. Daura interfere e dá opiniões]

G.: Quer dizer que era a braceira com a cruz, da cruz vermelha e o véu, na entrega?

R.: É. E o avental. O avental branco.

G.: Isto significava que a aluna passava do ensino teórico e ia para a prática, é isto?

R.: É, é.

D.: O uniforme era branco também?

R.: Não, azul, na ocasião era azul.

D.: Ah, isso eu lembro, era azul, de fustão azul claro.

R.: Não, de linho.

G.: Azul de linho, azul de linho, azul de linho. Como que é, como que era essa cerimônia, tinha paraninfo...

R.: Não, nada, nada. Era uma coisa simples. Isto não me ocorre mais.

G.: Não, não, ocorre.

R.: Mais que era coisa simples era. A gente se apresentava e recebia aquela insígnia.

G.: Quer dizer que a partir daí vocês iam para a prática, para o ensino da prática.

R.: É, para o ensino da prática.

G.: ... Para a prática, para fazer os estágios. Onde na época da senhora que, que as alunas faziam os estágios?

R.: Olha, na Santa Casa de Misericórdia e no Hospital São Vicente de Paula, e no Pronto Socorro.

G.: Quer dizer que nessa época eram nos três, eram tudo, eram perto da escola. Iam à pé então, meio de transporte.

R.: À pé, à pé.

G.: Santa Casa...

R.: Porque o Pronto Socorro era longe. Não é esse Pronto Socorro de agora. Ele era perto da Igreja São José.

G.: Como que era o relacionamento da Escola com estas instituições, onde que faziam o estágio?

R.: A Escola, onde eles permitissem que se trabalhasse, a Escola ficava responsável pelo Serviço de Enfermagem. Mas muito misturado, porque, eles não podiam tirar do serviço as, as atendentes, né. Então, a aluna ficava ali com a responsabilidade da chefe, fazendo o trabalho.

G.: Nesta época do estágio da senhora, o primeiro estágio, como futura enfermeira, a senhora lembra de alguma situação assim especial, em termos de algum cuidado com algum paciente? Receios da senhora, alguma coisa assim dentro do hospital?

R.: Não me ocorre nada não.

- V.: D. Rosa em, pelo, pelas anotações que a gente viu, em 1935, em torno de 35/36, a escola teve um problema com a Santa Casa. A senhora se lembra desse, desse período?
- R.: Não, não. Eu sei que nós trabalhamos lá. E que depois eles, eu não sei se foi nessa época, eles instalaram a escola de lá ou houve algum... O que houve eu não sei.
- V.: A senhora não, não... Como aluna não tomou conhecimento da problemática do ensino?
- R.: Não, não, não. Só que não podia, podiam mais fazer estágio lá.
- V.: Dessa suspensão do estágio na Santa Casa a senhora não se lembra?
- R.: Não, não. [silêncio]
- G.: Sobre a participação da Escola em eventos, em eventos, seminários, congressos, Semana da Enfermagem. Como que era essa participação? Senhora lembra da Escola, da senhora enquanto aluna ou da Escola enquanto instituição?
- R.: Não, aí em seminários, em encontros, as alunas não tomavam parte não. Me parece que nem existia nada nessa época, né.
- V.: Como aluna não?
- R.: Não, não, nada, nada.
- G.: A gente via que, tem alguns fragmentos de jornal, que a Escola era muito “notícia” na época. Como que ela conseguia ser notícia na época? A senhora...
- R.: Eu não entendi.
- G.: A Escola, tinha muitas, reportagens sobre a Escola, sobre, todo semestre a entrada de alunos, tinha sempre a, uma propaganda no jornal.
- R.: Ah, mas no começo, foi um número reduzido da 1ª... reduzido, eu não sei não, não me ocorre quantas eram, reduziu-se a três a 1ª entrada, né. E a minha turma eram nove. Saiu uma e oito foram até o fim. E as turmas todas não eram grandes não, turmas pequenas.
- V.: Quantas eram da turma da senhora, a senhora se lembra? Quantas eram, quantas alunas?
- R.: Oito, eu disse agora!
- V.: Ah, é, oito, oito é...
- G.: Sobre a forma que os alunos se organizavam. Teve um DA, na época, foi criado...
- R.: Taí uma coisa que eu também...

G.: A senhora não lembra?

R.: Eu não sei informar nada, nada.

G.: ... nada.

R.: ... Nada, me parece que...

G.: Sobre o jornal da época, o Grêmio...

R.: Não, não tinha nada, nada.

G.: Tinha não... o Grêmio, o Jornal "9:55", a senhora não lembra dessa época?

R.: Não. É que, quando a D. Waleska como aluna, essa daí ela tomava mais... Era uma pessoa com mais preparo, com mais desembaraço, né? E que ela entrava às vezes em reuniões ou então, escrevia, mas não tenho mais nada de alteração.

V.: A Waleska foi aluna durante o tempo que a senhora também foi aluna?

R.: Não, ela foi depois.

V.: Depois. A senhora já era formada?

R.: Eu já era formada.

G.: Sobre as mudanças na escola, mudanças é, para tentar equiparar a Escola com a padrão, com a Ana Neri, a senhora lembra dessas lutas, de busca de equiparação para torná-la igual, tornar a Escola Carlos Chagas...

R.: Táí uma coisa que eu não sei nada, nada!

G.: Nada?

R.: Nada.

G.: Hum, hum. Aquele período que a Escola foi anexada à Faculdade de Medicina, foi...

R.: Isto foi no período com a Irmã Villac.

G.: Em relação à formatura, a senhora já falou aqui que a senhora acabou formando com a primeira turma, foi tudo junto, apesar da senhora ter entrado um semestre depois. A senhora formou com a primeira turma, em 36. A senhora lembra como foi essa primeira... turma, essa formatura, já que era a primeira na Escola, teve algum fato interessante na época...

R.: Se não me engano, foi uma missa e depois não me ocorre o quê que houve. Táí uma coisa que passou, não me lembro mais.

G.: A partir de 36, quer dizer, a senhora já era farmacêutica, parece que não exerceu. Fez enfermagem e, como que foi, como, a partir da formatura da senhora como que foi a vida de enfermeira? Que cargos a senhora exerceu, onde a senhora trabalhou? Como é que foi a sua vida de enfermeira?

R.: Primeiro, eu antes mesmo de terminar o curso, a D. Laís já tinha me dado uma - acho que cheguei até a ser nomeada, não, não foi não, mas fiquei responsável por alunas, antes de terminar e depois, logo, com fazendo parte da primeira turma, ela conseguiu me incluir na Secretária de Saúde - não era Secretária, era Diretoria de Saúde Pública.

G.: A senhora começou a trabalhar na Diretoria de Saúde Pública?

R.: ... de Saúde Pública. Era como visitadora.

G.: Como enfermeira visitadora?

R.: É, é. E depois eu deixei de ser enfermeira para passar a ficar na Escola.

G.: A senhora lembra a partir de que época a senhora começou a trabalhar na Escola?

R.: É... eu acho que nunca deixei de trabalhar na Escola. [risos]

V.: Formou e foi direto, né?

R.: Direto, é.

D.: Direto e reto! [riso]

G.: Sempre ligada à D. Laís, não é?

R.: Sempre ligada à D. Laís e D. Waleska.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

R.: ... eu sei que ele foi professor na Escola.

V.: O Frei Boaventura, né?

R.: É, é, mas não, não sei nada a respeito dele. Só sei que ele lecionava lá... era Religião.

V.: Porque... a senhora não morou no Internato, então não sabe daquela (...) porque ele vivia mais no Internato.

R.: É, mas ele não morou no Internato não.

V.: Não, ele dava assistência às alunas, né?

R.: Quem mais deu foi o Padre Negromonte, né? Este sim.

V.: Na década de 40 a senhora já era professora?

R.: Sim.

V.: Parece que teve, em 1943 um problema de aluna com Tifo. A senhora se lembra desse fato?

R.: Não.

V.: Não? Nós vimos registrado nas Atas. E sobre o período da, da Waleska, que é da saída de D. Laís e a entrada da D. Waleska como diretora?

R.: Olha, D. Laís deixou e ficou a vice-diretora que era a D. Clitemnestra Pessanha. Ela deve ter ficado uns cinco ou seis meses e D. Waleska então, foi convidada para... D. Laís encaminhou a D. Waleska para diretora.

V.: Por quê que a D. Laís saiu?

R.: Ela foi convidada porque, eu acho que morreu uma diretora na Ana Neri e então convidaram para ela dirigir a Escola.

V.: E aí depois a Waleska assumiu. Desse período a senhora se lembra de alguma coisa, como que era a vida na escola?

R.: Não, só sei que Waleska ficou como diretora. E eu imposta como vice, o que me trouxe muito aborrecimento. E depois D. Waleska conseguiu bolsa para fazer um ano de pós-graduação nos Estados Unidos. Eu fiquei com a direção da Escola. Ela voltou, pegou a direção novamente, depois ela como diretora e ela não, parece que houve, eu não sei o que, aborrecimento entre ela e o Diretor de Saúde Pública. Porque ele queria, parece que entrar mais na Escola e ela achava que não devia - ela e Primavera. Então, ela achou melhor seguir para o Rio.

V.: A Primavera era o quê nesta época na Escola?

R.: Secretária.

V.: E quando a D. Waleska foi para o Rio, a Primavera ficou?...

R.: Foi para São Paulo. Ficou alguns meses só para arrumar a papelada mesmo da Escola e seguir para São Paulo.

V.: Como é que foi esse período da saída da Waleska e a senhora com a “batata na mão”?

R.: Não, não, escuta. A história é que elas queriam que eu também deixasse... a Escola porque ela era do Rio, Petrópolis. A Primavera de São Paulo. Então, tinha..., também que elas saíssem. Agora eu, daqui de Belo Horizonte e eu não queria dar papai um desgosto. Quê seria para ele um aborrecimento muito grande eu deixar a escola sem mais nem menos, porque eu ficaria sem ocupação, dizer que elas me levassem para o Rio, também traria para ele aborrecimento. Então, eu fiquei na Escola. Mas não foi para salvar a Escola não. Fiquei por isto, por causa, de um dever a meu pai.

V.: Como é que foi viver este período, da saída de Waleska...

R.: ... foi difícilimo, difícilimo. Porque elas saíram e levaram, levaram não, tiraram as pessoas que trabalharam com elas, né? Professoras, auxiliares, secretárias, essas coisas todas, saiu o pessoal todo.

V.: E as alunas?

R.: As alunas, umas pediram remoção, transferência para Juiz de fora, as que eram mais ligadas à Primavera, D. Waleska foram para Juiz de Fora. Umas três.

G.: Primavera, ela foi para onde?

R.: Para São Paulo.

G.: Quer dizer que foi um período muito difícil para a Escola.

R.: Muito difícil, foi, foi.

G.: Esse período de 48, 49. A senhora, foi um ano que senhora assumiu a diretoria, assumiu a escola, após a saída da D. Waleska.

R.: É, é. Agora eu só tenho a dizer que o Diretor de Saúde Pública que trouxe aborrecimento para D. Waleska, pra mim não. Ele nos ajudou o máximo.

V.: A senhora não teve problema com ele?

R.: Não, não tive problema com ele.

V.: ... de levar a Escola nesse período.

R.: ... nesse período.

V.: Como é que foi a substituição, a diretoria, a próxima diretora foi a Irmã Villac, mas esse período, parece que várias pessoas foram convidadas para serem diretora, a senhora se lembra?

R.: Não, não me ocorre isso não. Quem arrumou para a D. Villac, Irmã Villac, fui eu! Fui à São Paulo e conversei com... não me ocorre o nome de uma freira do hospital,

não sei, não me ocorre o nome do Hospital, uma freira francesa se não me engano. Foi ela que, ela lembrou Irmã Villac.

G.: Mrs. Curtis?

R.: Não, esta é americana, a outra é francesa, se não me engano, era francesa.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Voltando só um pouquinho. O período da D. Waleska ainda como diretora, período da luta pela equiparação à escola Ana Neri, a gente tem algumas informações aqui de que, é, um problema, é porque não tinha campo de pediatria...

R.: Não, tinha porque era no hospital São Vicente, era Hospital de pediatria, de criança, ele tinha de tudo, mas tinha mais era pediatria.

V.: Mas já não tinha saído de lá? Também teve um problema com o Hospital das Clínicas.

R.: Não, não. É, não. Continuou fazendo estágio, depois então foi Santa Casa e no Hospital São Vicente continuou.

V.: Porque nós vimos uns escritos que a D. Waleska tentou até construir um pequeno hospital de pediatria, a senhora se lembra disso?

R.: Não, não.

V.: Não, né?

G.: Voltando então a essa transição que a senhora ficou após a saída da D. Waleska. A senhora foi buscar ajuda para tentar ter uma indicação de uma nova diretora. Foi aí que a gente percebeu que foi a entrada das freiras, das Irmãs para dirigir a Escola. Como é que foi a entrada das freiras? Quais as mudanças?

R.: Não, eu não queria continuar na direção da Escola...

G.: ... a senhora não queria continuar na direção da Escola...

R.: ... então não havendo jeito de ter uma outra pessoa que pudesse dirigir, eu fui então à São Paulo conversar com, essa Irmã e ela então me lembrou das, das Irmãs Vicentinas. Então, se lembrou dessa Irmã, que ela era formada nos Estados Unidos. Irmã Villac, formada nos Estados Unidos e que podia então vir dirigir a Escola.

G.: Nessa época, parece que a Escola estava vivendo, além dessa crise da falta de diretora e a senhora na luta para tentar conseguir uma diretora, estava vivendo outra crise que era dos campos de estágios. Então, nessa época, com a entrada das Irmãs, das Religiosas para a diretoria, parece que houve mudanças em relação a campo de estágio ou em local desse estágio. A senhora lembra dessas mudanças?

R.: Não, não lembro não.

V.: Esse período também em 49, mudou o ensino, não é?

[FINAL DO LADO A]

LADO B

V.: Em 1949 que houve Lei de Diretrizes e Bases e com a exigência a partir daí do 2º grau completo para o curso de Enfermagem. É, a partir daí, houve mudanças na tentativa de um novo currículo, NÉ. A senhora se lembra desse período...

R.: Não, não, não.

V.: Interferiu na vida da escola?

R.: Não, não. Isto é até uma coisa que não...

V.: Não se lembra?

R.: Não, não.

V.: Nesse período também de 49 é que foi a época da luta pela anexação a Faculdade de Medicina, anexou a Escola de Enfermagem para poder conseguir a federalização. A senhora se lembra desse período, quem ajudou...

R.: Foi, quem trabalhou para isto foi a Irmã Villac.

V. Foi, já era Irmã Villac, né?

R.: É, é, ela que trabalhou e junto aos diretores, se não me engano o diretor e professor Baeta Vianna.

V.: Era.

G.: Senhora lembra de mudanças que ocorreram após esta anexação?

R.: Não, não tenho idéia não.

V.: A Irmã Villac era diretora da Escola, era diretora do Hospital São Vicente também ou era só da escola?

R.: Não, não, só da escola. O Hospital São Vicente tinha uma superiora.

V.: Era outra?

R.: Outra superiora, outra, outra irmã como superior.

V.: E a Cruz Vermelha na época? A escola de Auxiliar de Enfermagem da Cruz Vermelha.

R.: Era outra irmã.

V.: Não, não era a mesma diretora não é?

R.: Não, se não me engano era Irmã Bruzzi, mas não tenho certeza também não.

G.: Um outro período que a senhora dirigiu a Escola foi também numa saída da Irmã Villac, parece que 53 a 54. O ano de 53 que a Irmã Villac foi ao Rio de Janeiro, a senhora ficou substituindo...

R.: Não, não, parece-me que nessa época quem tomou conta foi a... quem dirigiu, isto, de acordo com, foi o diretor da Faculdade de Medicina. E foi Irmã... assim no momento não me ocorre o nome dela, mas ela que ficou como diretora quando Irmã Villac saiu.

G.: São algumas dúvidas que...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Essa outra que entrou, ela era do Hospital das Clínicas, do Hospital São Vicente?

R.: Não, ela era superiora...

V.: ... superiora do Hospital São Vicente, que ficou então neste período de transição da Irmã Villac.

R.: É, neste período, é.

V.: Este período a senhora continuava só como professora.

R.: Só como professora,

V.: Problemas administrativos a senhora não participava?

R.: Não, não, principalmente com irmã, né?

V.: É.

R.: A Irmã... tudo delas era dentro da Comunidade!

V.: Quando as Irmãs assumiram, mudou um pouco a vida na escola? Como era quando era por leiga? Mais fechado...

R.: No período da Irmã Villac a coisa correu muito bem, muito bem mesmo. Mas depois que entrou a outra irmã, era mais fechado. Era, tudo era resolvido por elas mesmo.

V.: E as professoras, vocês que eram instrutoras não tomavam...

R.: ... Não, não, isto era elas mesmo que resolviam as coisas.

V.: E as alunas também não tinham muita participação.

R.: Não, não...

V.: Como que era ser professora naquela época, D. Rosa? [risos]

R.: Oh, taí uma coisa que eu nem sei te explicar! O que era... Assim no momento... eu gostava mais de trabalhar na enfermaria do que ser professora então, não sei, é...

V.: ... mas a senhora trabalhava, mas a senhora não acompanhava aluno?

R.: Acompanhava aluno, tomava conta de aluno.

V.: E em qual lugar a senhora ficava?

R.: Ó, eu tive na Santa Casa, no Pronto Socorro, no Hospital da Prefeitura.

G.: ... no Hospital Municipal Odilon Behrens.

R.: É, no Odilon Behrens e também em Rio Acima. [ruído de automóvel]

V.: A senhora não quer falar um pouquinho sobre esses lugares que a senhora ficou como enfermeira?

R.: Não tem nada assim de alteração.

V.: Não? O tempo todo do Hospital Municipal era muito difícil, né?

R.: Não era assim tão difícil não. Era muito bem aceita por todos os médicos. Eles achavam uma coisa maravilhosa ter as enfermeiras para tomar conta dos doentes, né. Em lugar de ter funcionários, eles tinham as alunas para tomar conta.

V.: Saíam os funcionários, só ficavam os alunos?

R.: Não, parece que os funcionários trabalhavam em determinadas horas ou então em outras enfermarias, né.

V.: Hum, mas onde a Escola ficava com as instrutoras e as alunas, era vinte e quatro horas.

R.: Era vinte e quatro horas.

V.: E a senhora ficava...

R.: Eu trabalhava sempre o dia inteiro. De manhã e à tarde.

V.: ... e aí as brigas em casa, né?

R.: ... e as brigas em casa. Olha isso é doloroso para mim. É que mamãe morreu num sábado - Sábado de Aleluia - e, se não me engano, Sábado da Aleluia. Eu cheguei em casa à tarde e ela morreu à noite. Ela na verdade não estava doente, né. Mas para mostrar como que eu vivia fora de casa. Era de manhã e à noite. Só perguntava qualquer coisa, “não, não sei, não estou a par”.

G.: Ficava ausente.

R.: É, porque estava sempre na Escola.

V.: E aí a família da senhora, o pai da senhora ficava...

R.: Uai, o quê que ele havia de fazer, né?

V.: Ele que indicou, né?

R.: Foi ele que indicou, que me encaminhou!

G.: Quer dizer que a senhora vivia por conta da Escola.

R.: ... da Escola.

G.: ... e foi até quando que a senhora viveu por conta da Escola, D. Rosa?

R.: [riso] Acho que toda vida, todo tempo que eu trabalhei na Escola, eu vivia por conta dela.

G.: Até que ano a senhora trabalhou lá? Senhora lembra?

R.: 70, né?

G.: Foi até 70 na Escola. A senhora aposentou pela Escola?

R.: ... pela escola.

G.: ... em 1970?

R.: É.

V.: Mas até 70 também a senhora ficava nos mesmos, nos campos...

R.: Não, não.

V.: Quando foi que mudou, que o professor, o instrutor no caso, a senhora como instrutora, deixou de ter essa carga horária tão pesada no hospital?

R.: Eu sei que a gente tinha as aulas... taí uma coisa que, que eu não me lembro.

V.: Mas a senhora chegou a pegar este período de não ter que ficar o dia inteiro no hospital?

R.: Cheguei, cheguei. Era, a gente tinha aula... eu sei que eu vivia ocupada!

V.: Estava sempre trabalhando, olhando alguma coisa ou outra.

R.: É, é.

V.: A senhora lembra quando a Escola mudou do Internato para prédio que é hoje? Época da construção da Escola...

R.: Ah! Taí uma coisa que também não me interessou não.

V.: A senhora não acompanhou...

R.: Não acompanhei não, porque a Escola teve o 1º Internato foi na Serra. Depois passou para uma outra casa na Serra também; depois para outra casa na rua Tomé de Souza e depois foi para a Escola...

V.: ... na atual?

R.: Atual.

G.: Nessa atual...

D.: Por favor, desliga um pouquinho.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

[sons]

G.: D. Rosa, voltando ao atual prédio da Escola - porque a Escola mudou para lá em 62, 1962 - a senhora chegou a conviver com as alunas nesse período, nesse prédio ou a senhora só ficava no hospital?

R.: Não, eu fiquei nesse prédio, não interna, né? Ia trabalhar lá.

G.: A senhora ia trabalhar lá. Dava aula lá...

R.: ... dava aula lá.

G.: ... aula nesse prédio mesmo. Foi em 62. Quando foi em 68 houve uma mudança no ensino, através da Reforma Universitária. Aí acabou o Internato. Senhora lembra, se lembra de quando foi que acabou esse Internato?

R.: Não.

G.: Não lembra. Dos pertences da Escola que era do Internato, para onde que foram?
Como que desfez este Internato?

R.: Não sei lhe dizer não. Foi coisa das irmãs, né?

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: A Irmã Fiúza é do período que ela era chefe do Hospital São Vicente.

R.: ... ela era Superiora e passou diretora da Escola de Enfermagem.

V.: No período que a Irmã Villac foi para o Rio de Janeiro?

R.: É, é.

G.: A Irmã Fiúza!

R.: É, e quando a Irmã Fiúza entrou, o diretor da Faculdade de Medicina me desligou de vice-diretora.

V.: Como assim? Sem...

R.: ... deixei de ser, com Irmã Villac eu fiquei como vice-diretora. Com a Irmã Fiúza ele me desligou.

V.: E quem ficou...

R.: ... a pedido dela.

V.: A pedido dela?

R.: É.

V.: Ela ficou sozinha então comandando!?

R.: Eu creio que sim. Eu não me lembro... de outras irmãs.

V.: Nem outra freira não ficou com ela?

R.: Não, as irmãs, é isso... irmãs formadas pela Escola mesmo trabalhavam com ela.

G.: Nessa época que a senhora está falando, é Irmã Villac, na saída dela para o Rio de Janeiro, parece que houve um caso em que o diretor da Medicina que ficou assumindo a Escola. Inclusive parece que ele não quis assinar os diplomas das alunas.

R.: Não sei disso não.

G.: Não, se lembra disso... E a senhora lembra assim de algumas alunas que passaram nesse período, alguma ex-colega da senhora, ou ex-alunas que foram pessoas que, mais

marcantes na vida da Escola que a gente poderia inclusive buscar para contar para gente mais um pouco esta história!

R.: O mais interessante é isso, o povo tá morrendo tudo, né? [risos]

D.: E tinha a, a meu Deus, que era da Saúde Pública!?

R.: Quem é?

D.: A, não era ex-aluna nossa? Aquela da Saúde Pública.

V.: Edelvira [Edelvira Costa Santos], Yolanda [Yolanda de Carvalho Torres], se lembram dessas pessoas?

R.: Yolanda está viva.

D.: Ah, é?

R.: Mas Edelvira morreu.

V.: E onde está a Yolanda, a senhora sabe?

R.: Eu sei que ela mora na Cidade Nova. Onde, não sei.

D.: Maria Barbosa.

R.: Maria Barbosa, essa daí ela está aposentada e onde... ela era minha vizinha, mas mudou de lá.

D.: Maria Barbosa!

R.: É eu não sei se o telefone dela é o mesmo...

D.: Dona?

R.: Pode, tomar nota aí, Maria Barbosa Fernandes.

V.: A senhora tem depois o endereço dela?

R.: Não, não tenho por isso, porque ela saiu de lá de perto de casa, né?

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

G.: Senhora disse que na época enfermeira é, parece que não tinha muito prestígio, não era muito valorizada.

R.: Não, devido às enfermeiras na ocasião, né?

G.: A senhora acha... devido às enfermeiras da ocasião.

R.: É, eram pessoas assim mais, pessoas sem preparo.

V.: ... enfermeira não formada, né, que trabalhavam na enfermagem?

R.: Não, não, trabalhavam na enfermagem.

V.: A senhora acha que isso no decorrer da história nossa, da nossa enfermagem, a senhora acha que isso mudou? Como a senhora vê hoje, nos dias de hoje. Qual é o espaço que o enfermeiro tem hoje, que a enfermeira tem hoje.

R.: Situação muito melhor, né?

V.: A senhora acha que hoje a situação da enfermeira melhorou?

R.: Melhorou consideravelmente.

G.: ... consideravelmente?

R.: É.

V.: No sentido de, da percepção das pessoas ou de profissão mesmo.

R.: De preparo, de profissão.

V.: De preparo, a senhora acha que melhorou bastante.

R.: Melhorou muito.

V.: A senhora lembra de nome de ex-alunas - nós começamos e depois mudamos um pouquinho de assunto - de alunas que marcaram o período, enquanto senhora era professora? Se lembra de alguém?

R.: Assim, de momento...

V.: ... de algum problema que tenha tido. No internato a senhora não participava, né?

R.: Não, não... Assim no momento não me ocorre, se teve... a D. Izaltina, vocês sabem, conhecem...

V.: ... a senhora viveu na época da D. Izaltina, nesse período vocês se relacionavam, com D. Izaltina depois Carmelita...

R.: Carmelita, né?

G.: ... esse período depois das freiras, o período das freiras parece que foi um período mais... que elas controlavam, decidiam mais por conta delas, os professores não relacionavam. e depois das freiras?

R.: Foi Izaltina e daí eu não posso dizer mais nada por que eu não tomei mais conhecimento quem é que ficou depois de Izaltina, quem entrou, não sei nada, nada.

V.: A senhora já tinha aposentado?

R.: É.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Sobre os últimos tempos da senhora na Escola. A senhora se lembra como foi? Como que era o relacionamento que parece que mudou bastante, das pessoas na Escola...

R.: Não, não me lembro agora...

V.: Não, né. (...)

G.: A senhora quer falar alguma coisa que não está no nosso roteiro aqui, falar algum caso que a senhora achou interessante em termos da História da Escola Carlos Chagas?

R.: Não, não, não, eu não tenho nada... Eu só tenho de dizer sempre é isso. Quanto eu aproveitei do ensino da Escola com a D. Laís como diretora. Para mim foi uma coisa que me trouxe muito, mas muito... ajudou muito a viver.

V.: O período que a senhora foi professora?

R.: Não, foi o período de Escola com a D. Laís

V.: Ah, o período com a D. Laís.

R.: Enquanto aluna.

V.: Ah, enquanto aluna.

G.: Enquanto aluna e enquanto colega de trabalho depois de enfermeira, e enquanto professora.

R.: É enquanto professora. Eu comecei com D. Laís, né, e depois então passou para D. Waleska. Também não tenho nada a dizer quanto ela, mas o melhor tempo mesmo foi com a D. Laís.

[FINAL DA ENTREVISTA]

V.: Depois que ela saiu da Escola a senhora continuou se relacionando com ela, tendo alguma notícia da D. Laís?

R.: Por pouco tempo, ela não viveu muitos anos.

V.: Logo depois ela faleceu, não é?

R.: É, é.

G.: D. Rosa, a gente só tem a agradecer a senhora. E a gente espera que se depois de a gente escutar a fita, se tiver alguma coisa que não ficou muito claro para gente, a senhora não importar se a gente tornar a perguntar, tornar reescrever alguma coisa, se a senhora não...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

R.: ... eu sendo da turma das oito, talvez exista das oito, eu e mais duas.

V.: Vivas? Quem ainda está viva, senhora se lembra?

R.: Olha, Adília Pirajá Cecília da Silva, mora em Itaúna

V.: A senhora tem o endereço dela lá? Não?

R.: Tenho. É. Mas ela está doente, está acho que até acamada. Não atende mais ninguém não. E a outra mora no Rio, é Lazir Canário, Marques Canário, mora no Rio. Também ainda não sei se ainda é viva. O resto tudo já morreu.

V.: E da 2ª turma a senhora se lembra, das outras turmas mais antigas, de uma colega mais antiga... formada em 38, 39?

R.: É, isso, a Maria Barbosa, né?

V.: A Maria Barbosa que mora aqui em Belo Horizonte. (...)

R.: Mora aqui em Belo Horizonte.

V.: Não se lembra?

R.: Não.

V.: Então é isso. Nós só temos que agradecer a participação da senhora nessa reconstrução da História.

G.: Muito a agradecer mesmo a senhora. Para gente é uma satisfação que uma ex-aluna da 1ª turma, né, da Escola Carlos Chagas.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Ficha Técnica

Data da Entrevista: 04 de setembro de 1995

Local: Residência D. Daura Pacheco Ribeiro, em Belo Horizonte/MG

Número de Fitas: 01

Duração da Entrevista: 60 minutos

Entrevistadores: Valda da Penha Caldeira

Geralda Fortina dos Santos

Erivaldo Rodrigues Soares

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços Biográficos e Sumário: Valda da Penha Caldeira